



## HISTÓRIA E CULTURA DO POVO KANTARURÉ

Sheila Gomes Araújo e Jeovânia Ginalva de Sá

### Introdução

O povo Kantaruré é proveniente dos Pankararú de Pernambuco e está localizado no pé da Serra Grande dentro do seu território no município de Glória, com sua terra Indígena localizado no norte do estado da Bahia, de clima semiárido e entre montanhas e serrados, a 42 km da cidade de Paulo Afonso. Esse território está dividido em duas aldeias, a da Batida e a da Baixa das Pedras que se situam em um amplo baixio às margens do pé das serras, vivendo em harmonia entre si, ou seja, não existem conflitos internos por conta do território.

Os nossos antepassados já viviam neste território desde o século XIX, sem o seu território demarcado, sem sua identidade reconhecida e com sua cultura e tradição ocultadas por medo dos não indígenas. Finalmente, em 1995, iniciamos a luta por demarcação de nossas terras e contamos com apoio dos parentes Pankararú de Pernambuco e Pankararé de Glória na Bahia.

Felizmente, a nossa área foi demarcada e homologada desde 2001. Sobrevivemos da agricultura, caça, pesca, venda de artesanatos, medicamentos da medicina tradicional, criação de caprinos e ovinos, aposentadoria, beneficiários da bolsa família, funcionários públicos e alguns terceirizados que trabalham em pisciculturas. Nesses dois núcleos de ocupação, Batida e Baixa das Pedras, somos na atualidade 401 indivíduos e afirmamos a nossa identidade étnica Kantaruré.

### A arte e cultura indígena Kantaruré

A arte faz parte da cultura e da tradição e se mescla aos costumes atuais, ou seja, se origina dos comportamentos, ações que vamos mobilizando no dia a dia das duas comunidades. A arte indígena Kantaruré preserva a configuração e criação com a identidade do seu povo. Essa arte está presente na pintura corporal da aldeia, nas cestarias feitas de palhas, nas plumagens usadas, nos adereços usados na cabeça, braços e pernas, na música ou toante indígena, nas pinturas rupestres e também nos rituais indígenas da comunidade e utilizamos os recursos naturais complementares para compor essa arte, tais como, as sementes, madeiras, miçangas, cipós, cabaças, cocos, entre outros.

### Pintura corporal indígena

A pintura corporal Kantaruré surgiu de um primeiro símbolo indígena considerado pelos indígenas como sagrado, a cruz, utilizado pelos mais velhos da comunidade, símbolo esse que é utilizado na pintura dos Pankararú Brejo dos Padres (PE) e por demais povos. Esse símbolo representa para os Kantaruré a cultura e ancestralidades do povo e no convívio dentro da aldeia.

Com o passar dos anos foi crescendo a necessidade de criar novas pinturas baseadas no símbolo que já existia e foram surgindo outros modelos com significados parecidos e também diferentes, baseados nas datas comemorativas ou momentos de lutas realizados por eles.

Essa atividade é um instrumento simbólico desenvolvido na arte indígena desse povo, em diversas ocasiões realizada na aldeia ou fora dela. Percebe-se que essa pintura indígena tem vários traçados significantes, nomeados por indígenas pertencentes a este povo. Assim como as demais aldeias têm sua pintura corporal com traçados diferentes.

O grafismo da pintura indígena é diferente para homens, mulheres e crianças, também diferem a ocasião de uso. As mulheres não pintam o corpo da cintura pra baixo, pois é onde se localiza o símbolo de reprodução humana, e existem pinturas que diferenciam as mulheres casadas das mulheres solteiras, bem como pinturas que diferenciam os homens casados dos homens solteiros.

Os indígenas Kantaruré utilizam algumas matérias-primas para o preparo da tinta que é utilizada para o uso próprio deles. Os recursos que são retirados das árvores são o jenipapo e urucum. Do urucum retira a semente madura ou seca e do jenipapo a fruta ainda verde. Já a argila é só escolher o tipo que quer e o carvão comprado ou retirado da moradia mesmo.

O preparo da tinta de jenipapo deve ser uma semana antes para ele ficar com mais consistência, o preparo da argila pode ser na hora do uso, o carvão e o urucum também. As tintas feitas na hora levam mais tempo e dedicação para fazer, mais aí quem escolhe é o indígena dependendo da pintura corporal escolhida no momento indicado.

Figura 1 – Traço Mulher casada

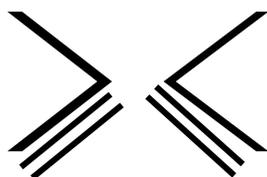


Figura 2 - Traço homem casado

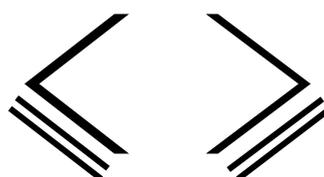


Figura 3 – Traço mulher solteira

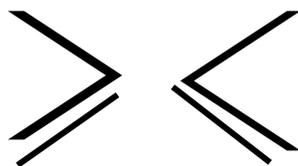
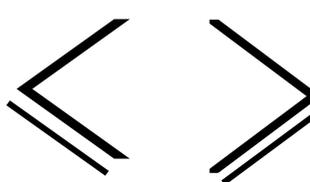


Figura 4 – Traço homem solteiro



## Plumagem indígena

A plumagem indígena é presente na cultura indígena Kantaruré, essa arte é bem utilizada por homens e mulheres indígenas da aldeia, em cocares, brincos, flechas e em adereços para cabelos, braceletes e cinto. As penas são retiradas de galinhas de capoeira e também de alguns pássaros como a garça quando encontrado e de outros existentes. As penas retiradas não são tingidas, são naturais, para dar um efeito mais comum da natureza.



O uso do recurso da pena no artefato indígena é importante porque simboliza a cultura local do povo de origem, fortalecendo a identidade artística e a cultura da comunidade inserida, estabelecendo vínculos com outras culturas vizinhas que às vezes se conversam. Isso é importante porque valoriza o povo e dá reconhecimento mais amplo para determinada aldeia.

A arte da plumagem é mais uma arte que soma com as demais existentes no povo gerando renda, fortalecimento cultural no dia a dia e também no ritual trazendo uma representação histórica local.

Esses artefatos com plumagem e pena só são utilizados com mais frequência em datas comemorativas, festejo indígena ou em outras ocasiões necessárias.

## Cestarias e traçados

As cestarias e os traçados da aldeia estão presentes nas cestas, tranças, cestos e bolsas. Essa arte se destaca muito bem nos objetos produzidos, de palha de Ouricuri utilizados por todos da aldeia, essa planta é bastante usada, as palhas o coquinho e outros recursos retirados dele.

A cestaria é conhecida por um conjunto de vários utensílios de palhas, coroá e cipó, obtidas através de traçados compostos nos objetos produzidos. A cestaria contempla a produção de esteiras, saias, cinto e cestos.

Nesse sentido, a produção de cestaria apresenta várias técnicas de fabricação de cestos em forma arredondada e quadrangular, com trançados de pinicó, encanado e entrelaçado e cruzado. As bolsas e tranças são utilizadas dois tipos de traçados e os demais, como cesto de cipó, são outros traçados cruzados.

É importante saber que no momento da produção das cestarias tem que analisar o período das palhas se está em boas condições de usos com as fibras e talos inteiros, isso vale também para o coroá e o cipó. O período mais indicado para a retirada desses recursos é em época de chuva.



**Cesto de palha**



**Cesto de cipó**

### **Pintura rupestre**

A arte rupestre existente no território Kantaruré fica localizada no pé da Serra Grande em direção ao poente, em uma pedra com formato arredondado, medindo de 6 a 7 metros de altura, com vários grafismos presentes nela, como desenhos de pássaros, peixes, fogos e outros que não consegui decifrar. Os grafismos percebidos da rocha são localizados na frente da rocha logo abaixo. Grafismos esses que ainda não foi feito um estudo para saber o seu significado e também há quantos anos existem no local. Por isso a rocha ficou conhecida como pedra do letreiro e a outra, letreiro.

A pedra foi descoberta pelos primeiros habitantes da aldeia há mais de 150 anos e por outras entidades sagradas, ela fica a mais de três quilômetros de distância e a outra quase dez quilômetros dentro do mesmo território. Essas pedras têm grande significado para a identidade do povo e sua história e também na educação indígena da aldeia, tornando fonte de curiosidade e pesquisa para os indígenas locais.



**Pedra do letreiro**



**Letreiro**

## Artefatos indígenas Kantaruré

Na aldeia Kantaruré existem vários artesanatos e artefatos indígenas que pertencem à cultura indígena local, eles estão presentes na cestarias, artes de madeiras, adereços com penas, traçados e a saia indígena ou vestimenta indígena.



**Saia de croá**



**Cocar de talo**

Os artesanatos na comunidade eram produzidos com muita frequência pelas mulheres e homens para gerar renda para suas famílias e uso próprio no dia a dia. Com essa produção outras comunidades tinham mais conhecimento da cultura Kantaruré, por serem vendidos fora da aldeia para outros parentes. Os artesanatos mais produzidos antigamente eram bolsas de palhas, esteira, vassoura de palha, abanador, cesto de cipó, caçuá, lança de madeira, aió de coroá, corda de coroá, badoque, arco e flecha, campiô, pilão de madeira, cocar, maraca de coite, cuia de cabaça, moringa da cabaça, colar etc.

Com o passar do tempo, os artesãos diminuíram a sua produção de artesanatos por motivos de falecimentos de algum artesão, falta de recursos financeiros para exportar para fora da aldeia ou atravessadores da mercadoria. Por isso levou o povo indígena a refletir sobre a sua produção diminuindo na quantidade e outros nem são produzidos mais. Os artefatos que são produzidos na atualidade são o maracá, saia de croá, cocar, colar, brincos, adereços para cabelos, pulseira, braceletes, cintos, bolsa de palha, cesto de palha, tapetes de palha, porta retrato, vassoura etc. Esses artefatos são para o uso próprio dos indígenas e poucos são levados para o comércio. É importante saber que é produzido com muita quantidade se for encomenda para fora da aldeia.



**Chapéu de palha e cesto de cipó**



**Bolsas e tapetes**

## **Toantes (música indígena)**

A música indígena é conhecida como toante para o povo Kantaruré. Os indígenas valorizam muito essa arte por fazer parte do ritual do toré. As músicas indígenas também são usadas como instrumentos de texto no contexto da Educação Escolar Indígena para fortalecimento cultural da educação diferenciada, assim como as outras artes citadas a cima.

No toante indígena em algum momento na aldeia são utilizados instrumentos musicais que foram adotados pelos indígenas, como a flauta e o berrante. O toante é usado em abertura de eventos indígenas realizados na aldeia e também com representações fora dela e principalmente no ritual sagrado.

Na aldeia existem vários toantes adotados de outros povos e também de autoria própria, facilitando em alguns lugares a interação com outros povos no momento do ritual.

## **Artesãs**

As artesãs das duas comunidades indígenas têm sua capacidade de criatividade que consegue conduzir diversos recursos na construção manual dos artesanatos do seu povo, contendo traçados, pinturas, sementes e outros. Elas não dispõem de uma regra para uma técnica, apenas com o conhecimento interno próprio, com auxílio de instrumentos e materiais adequados, conseguem criar os produtos conhecidos como artesanato ou artefato.

Os indígenas artesãos já nasceram com seu dom e profissionalismo de produzir para fins comerciais e outros para consumo próprio. A maioria da produção de artesanatos não é suficiente para a venda por falta de instrumentos básicos no processo de construção deles, é apenas em poucas quantidades. Eles só produzem em grande quantidade se for encomenda.

Geralmente os artesãos são mais mulheres do que homens. Antigamente eles realizavam os trabalhos de produção artesanal compostas por várias mulheres, com objetivos de ajudar umas as outras desenvolvendo melhor suas artes. Atualmente poucos artesãos desenvolvem essa atividade por não ter muita comercialização. Existem vários tipos de artesãos, como os que trabalham com cestarias e plumagem, traçados e sementes, traçados e pintura.



**Sheila Gomes Araújo**, indígena do povo Kantaruré Batida, tenho 34 anos, filha de Raimundo Alves de Araújo e Severina Gomes da Cruz, sou casada (união estável), tenho três filhos, sou estudante da LICEEI (Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena) pela Universidade Estadual do Estado da Bahia (UNEB), Campus VIII em Paulo Afonso-BA. Moro na aldeia Kantaruré no município de Glória - BA. Tenho formação de Magistério Indígena, licenciatura em Pedagogia, pós-graduação em políticas públicas da Educação Básica.

Estou na sala de aula desde 2007 até a presente data. Tive experiência da Educação Infantil até o Ensino Fundamental II e também Educação de Jovens e Adultos. Essas experiências são valiosas e têm contribuído muito para a minha vida, meu conhecimento e da minha comunidade.



**Jovânia Ginalva de Sá**. Nasci em 13 de Fevereiro de 1985 e tenho 36 anos, sou do povo Kantaruré, filha de Dilson Apolinário de Sá e Ginalva Alaide de Sá, sou casada e tenho um casal de filhos, sou estudante da Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena (LICEEI), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Moro na Agrovila 05, município de Glória - Bahia. Sou formada em Pedagogia, frequento a LICEEI, sou professora da Educação Infantil.

Muito cedo desde os meus oito anos de idade acompanhei os meus pais e avós para as atividades do roçado e afazeres de casa, com onze anos perdi meu pai e daí em diante aprendi a ser independente financeiramente. Em 2016 conclui minha graduação e iniciei a lecionar em sala de aula.